

As Narrativas da Violência pela perspectiva do Jornalismo Literário: Questões da Violência Urbana¹

Cíntia Silva da CONCEIÇÃO²
Universidade Federal do Paraná, Paraná, PR

RESUMO

A mídia não cria a violência, entretanto, a partir da globalização da informação ela vem cada vez mais adaptando a forma como essa violência é transmitida para a sociedade. O jornalismo está no centro desse movimento e essa pesquisa vem com objetivo de entender como o jornalismo literário trabalha com essa temática. Para isso foram analisados dois textos publicados na editoria “Questões da Violência Urbana” no site da revista *piauí*. Para chegar ao resultado foi realizada uma análise de conteúdo a fim de entender como os textos retratam a violência e quais procedimentos literários estão presentes nas reportagens.

PALAVRAS-CHAVE: violência urbana; jornalismo literário; narrativas; reportagem.

INTRODUÇÃO

Quando o assunto é a violência urbana percebem-se visões distintas sobre o que está sendo transmitido ao público. Uma visão é a de que o jornalismo usa de ferramentas baixas como chamadas sensacionalistas e imagens desnecessárias de sofrimento, tanto de vítimas como de familiares, fazendo um alarde muito grande da dor do outro. Outra é de que os jornais estão banalizando a violência, publicando textos curtos e em escala industrial, sem se preocupar em mostrar ao leitor a profundidade e a seriedade dos casos. Fica o questionamento, a violência cabe no *lead*? O padrão adotado nas redações brasileiras acabou podando muitas das possibilidades criativas que o profissional da área tinha para relatar uma notícia, já que faz com que os textos fiquem mais padronizados e ágeis para serem lidos. Em consequência disso, textos aprofundados acabaram ficando a cargo dos veículos segmentados.

Nessa pesquisa foi levada em consideração a perspectiva de um jornalismo que não precisa estar necessariamente ligado ao *lead*, e que de algum modo, pode até flertar com o sensacional, visto que uma de suas características é prender o leitor pelo

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Mestranda do Curso de Comunicação e Formações Socioculturais da UFPR, e-mail: cintiasilva.jornalismo@gmail.com.

emocional: o jornalismo literário. Fazer esse tipo de estudo é interessante visto que por muito tempo, o jornalismo literário teve destaque nas redações, e essa realidade acaba mudando a partir do momento em que os textos precisam seguir um modelo mais ágil e condensado. Já faz alguns anos que essa perspectiva tem mudado novamente, visto os rumos que o jornalismo vem tomando a partir da popularização da internet, dos dispositivos móveis e os vários questionamentos sobre o futuro do impresso. Produções nessa área acabam resgatando discussões sobre a qualidade do texto jornalístico.

A relação entre mídia e violência no Brasil passou por momentos bem distintos, indo de um viés de negação por parte da grande mídia e sendo retratada apenas pelos veículos mais sensacionalistas, até o momento que isso mudou, como se pode ler mais a frente nessa pesquisa. Mas o objetivo central nesta análise não se baseia em direcionar quais seriam as melhores, ou piores escolhas, quando a tarefa é narrar à violência, mas sim, perceber por quais perspectivas o jornalismo literário lida com o tema. Para isso, tem-se como base de análise dois textos publicados na revista *piauí* entre os anos de 2017 e 2018 na editoria “questões da violência urbana”, sendo eles: ***Treze Tiroteios por Dia***, escrito por Mariana Filgueiras em Junho 2017 e ***O Terror como Vingança***, escrito por Henrique Araújo em fevereiro de 2018.

A revista *piauí*, é produto da mente de João Moreira Salles, economista e documentarista brasileiro que sentia falta de encontrar na banca uma publicação que tratasse de diferentes temas de forma completa e bem elaborada, que conseguisse prender a atenção do leitor com uma narrativa interessante. Ela se mostra como um objeto de pesquisa relevante visto que quando se trata de jornalismo literário no Brasil, a publicação é sempre um dos primeiros veículos a serem citados. No âmbito acadêmico já foram realizados diversos trabalhos que usam a revista como fonte de estudos, tanto no campo do jornalismo como na literatura.

Para realização deste trabalho foram utilizados dois métodos de pesquisa: bibliográfico, visto que é o ponto de partida para seleção de material pertinente sobre o assunto pesquisado, a e análise de conteúdo, que de acordo com Bardin é:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (1977, p. 45).

A autora divide condução da metodologia nas seguintes fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. (1977, p.95). A seguir será apresentada de forma concisa de cada um dos tópicos e como eles foram aplicados nessa pesquisa.

A **pré-análise** tem várias especificidades e regras que servem de guia para a separação e a interpretação documentos, entre elas: Leitura flutuante, Escolha dos documentos, Formulação das hipóteses e objetivos e a Elaboração de indicadores. (BARDIN, 1977, p.95-100). No caso dessa pesquisa, o primeiro passo foi selecionar um veículo que fosse representativo na questão do jornalismo literário no Brasil. A revista *piauí*, se mostrou como um objeto de pesquisa relevante pelos motivos já citados acima. Após a seleção do veículo, o tema violência foi escolhido para ser pesquisado mais a fundo, visto que era pertinente para o propósito da disciplina³ na qual essa pesquisa vem sendo. Apesar de a revista tratar o tema violência em editorias distintas, foi escolhida para esse trabalho a editoria “questões da violência urbana” visto que assim os textos poderiam ser encaixados metodologicamente de forma mais clara, e ambos tratam de violência dentro das cidades. Foram selecionados os dois textos, já mencionados acima, pelo fato de ambos estarem dentro da temática tratada e apresentarem, já na leitura flutuante, características do jornalismo literário.

A próxima etapa foi **exploração do material**, que consistiu na construção das operações de codificação, considerando-se os recortes dos textos em unidades de registros, a definição de regras de contagem e a classificação e agregação das informações em categorias simbólicas ou temáticas (BARDIN, 1977, p.103-117). Nessa pesquisa as unidades escolhidas para a codificação foram retiradas das características de reportagens literárias (força, clareza, condensação, tensão e novidade), dos tipos de reportagem (de fato, de ação e documental), e dos tipos de reportagem no jornalismo literário (reportagem-conto e reportagem crônica) citadas por Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari no livro *Técnicas de Reportagem: Notas sobre a Narrativa Jornalística* (1986) no capítulo *Namoros com a Literatura*. Todas essas características serão esclarecidas no tópico voltado para o jornalismo literário dessa pesquisa. A classificação se deu com base em textos que apresentassem a temática violência e um estilo mais literário de narrativa.

³ *Jornalismo, Memória e Narrativas Culturais*: disciplina ministrada no mestrado em Comunicação e Formações Socioculturais da Universidade Federal do Paraná.

A última parte da análise é o **tratamento dos resultados** (BARDIN, 1977, p.101), esta interpretação deve ir além do conteúdo dos documentos em si, pois é interessante que o pesquisador encontre os significados além do que já está aparente. A interpretação dos dados encontrados nessa pesquisa foram organizados de modo que pudessem ser cruzadas as características literárias encontradas em ambos os textos, tanto as semelhantes quanto as divergentes. Foram sugeridos alguns argumentos que possam explicar o resultado e uma pequena reflexão sobre como a violência é tratada hoje nos veículos midiáticos. Esses dados podem ser encontrados nos tópicos de análise e considerações finais dessa pesquisa.

Esse trabalho não tem a pretensão de apresentar uma conclusão aprofundada sobre o tema, visto que é apenas o primeiro passo de um estudo que está sendo realizado na disciplina de *Jornalismo, Memória e Narrativas Culturais*, que vem sendo voltada para como a mídia retrata as narrativas da violência em seus diferentes meios. Se faz necessária uma pesquisa que possa abranger um número maior de reportagens em diferentes meios, mas esse texto serve como uma abertura de discussão para um trabalho que pode ganhar ramificações.

BREVE HISTÓRICO DA VIOLÊNCIA URBANA NO BRASIL

Violência deriva do latim *violentia*, que pode sugerir “força em ação, física ou moral”, mas também “influência, poder e potência”. O aumento da violência urbana tem uma ligação forte com o processo de globalização, visto que ela trouxe novas demandas e novo maquinário para a produção agrícola, causando uma queda na mão de obra rural. Com o advento da mecanização agrícola, muitas pessoas ficaram desempregas, e viram nas cidades uma oportunidade de ter uma vida melhor. Só que não foi bem isso que eles encontraram, pois as cidades, que não tinham estrutura para receber essa nova população, começaram a inchar, o que faz os bairros de periferia e as favelas brotarem mais rapidamente. Segundo Rodrigues:

A partir da segunda metade da década, a expansão industrial passou a se refletir na estrutura populacional. A possibilidade de melhores condições de vida atraía as populações rurais – em especial as do Nordeste, fustigado pelas secas de 1956 e 1958 – para as cidades. Em 1950, 36% dos brasileiros viviam nas cidades. Dez anos depois, o índice é de 45%, correspondendo a 38,5 milhões de pessoas. (2010, p.27).

A globalização também transforma os noticiários, e as informações que eram locais, agora são globais. A sociedade começa a ter contato com tipos de violência que

nunca antes havia encarado. De acordo com Elza Pais (1996), houve um momento em que a mídia relutou em mostrar a violência, e a partir do momento em que ela é colocada em visibilidade, as sociedade passa a temer mais pela segurança:

(...) se é hoje maior o sentimento de insegurança do que foi no passado, não é seguramente porque a violência tenha sido menor ontem do que hoje, mas por não ter sido anteriormente tão divulgada e valorizada, o que confere, na atualidade, uma maior visibilidade a um fenômeno que pode mesmo estar a diminuir (...) não é tanto a violência que é recente mas a consciência que dela se tem, bem como a intolerância com que se lida com ela. (1996. p.31)

Para a autora, a inquietação em relação à insegurança gerada pela mídia, faz com que a sociedade deixe de acreditar no poder do Estado de mantê-los seguros, criando nela uma necessidade de procurar mecanismos de prevenção a possíveis ataques. O sociólogo Zigmunt Bauman também vê a mídia como um amplificador da sensação de insegurança nas cidades, “como demonstram o incremento dos mecanismos de tranca para automóveis; as portas blindadas e os sistemas de segurança (...) para não falar dos contínuos alertas de perigo por parte dos meios de comunicação de massa”. (2005, p.21). No tópico a seguir, será discutido um pouco mais sobre como se deu essa relação entre mídia e violência.

PANORAMA DA RELAÇÃO ENTRE VIOLÊNCIA E JORNALISMO

De acordo com Rüdiger, houve um período no qual a grande imprensa preferia excluir dos noticiários os casos de violência, “desejava-se que os criminosos e delinquentes de todo o tipo apenas não pudessem alcançar aqueles que contribuía para fazer da sociedade um todo harmonioso, trabalhador e progressista”. (2003, p.9). Assim, as notícias relacionadas à violência ficavam renegadas aos jornais sensacionalistas.

Rosa Nívea Pedroso é uma das pesquisadoras sobre o assunto na mídia impressa brasileira, e em uma pesquisa sobre o sensacionalismo no jornal diário, ela estabeleceu algumas características que norteiam seu discurso:

Intensificação, exagero e heterogeneidade gráfica; valorização da emoção em detrimento da informação; exploração do extraordinário e do vulgar, de forma espetacular e desproporcional; destaque de elementos insignificantes, ambíguos, supérfluos ou sugestivos; subtração de elementos importantes e acréscimo ou invenção de palavras ou fatos; discursividade repetitiva, fechada ou centrada em si mesma, ambígua, motivada, impositiva, despolitizadora, fragmentária unidirecional, vertical, ambivalente, dissimulada, indefinida, substitutiva, deslizante, avaliativa, *sedutora*; exposição do oculto, mas próximo, produção discursiva sempre na perspectiva trágica, erótica, violenta, ridícula, insólita, grotesca ou fantástica [...] (PEDROSO, 2001 p. 122 e 123).

É desse período o jornal *Notícias Populares* (1963-2001), que foi amplamente estudado na área de comunicação. Ele era publicado pela mesma empresa da Folha de S. Paulo, mas que ficou conhecido por suas manchetes violentas e sexuais. Todos esses produtos midiáticos “foram expressões de um período em que o crime transitou do período romântico para a época da violência” (RÜDIGER, 2003, p.8).

De acordo com Angrimani, “a linguagem sensacionalista não admite distanciamento, nem a proteção da neutralidade. É uma linguagem que obriga o leitor a se envolver emocionalmente com o texto”. (1995, p.16). Neste caso fica o questionamento, um bom texto não deveria envolver o leitor emocionalmente? Para a autora Márcia Amaral (2003), o jornalismo sensacionalista se apresenta como um modo diferente de se exercer o jornalismo, um modo que não obedece a padrões e tem o objetivo de causar sensações no leitor:

A prática sensacionalista tanto pode significar o uso de artifícios inaceitáveis para a ética jornalística, como também pode se configurar numa estratégia de comunicabilidade com seus leitores através da apropriação de uma matriz cultural e estética diferente daquela que rege a imprensa de referência. O sensacionalismo manifesta-se em vários graus, muitas vezes integra o rol de valores notícia de uma publicação e, portanto, é equivocado tratar do fenômeno *in totum*. Rotular um jornal de sensacionalista é afirmar apenas que ele se dedica a provocar sensações (AMARAL, 2003, p. 134).

O próprio jornalismo literário, variadas vezes, apresenta a característica de prender o leitor no texto seja pelo viés racional, ou pelo emocional, como pode-se ver nessa pesquisa no tópico dedicado ao jornalismo literário.

Pode-se dizer que o auge do sensacionalismo na imprensa brasileira foi até meados dos anos 1980, quando o termo violência passa novamente por uma resignificação no jornalismo. De acordo com Rüdiger (2003, p.7), “a preocupação jornalística com o crime extravasou o plano da imprensa sensacionalista durante o período que vai de 1980 a 2000”. Ainda de acordo com o autor:

(...) o noticiário policial, contudo, pouco a pouco foi readquirindo, ao menos em parte, um valor de uso informativo para o público, porque foi parando de ser trocado por qualquer coisa. (...) O relato jornalístico superou o registro do mundo do crime, passando a tratá-lo como figura ameaçadora da própria idéia de mundo. (2003, p.11).

Bauman escrever que hoje a mídia usa a violência como uma forma de conseguir audiência, visto que todas as classes sociais, em maior ou menor grau, convivem com a sensação de medo. “A exposição das ameaças à segurança pessoal é hoje um elemento determinante na guerra pelos índices de audiência dos meios de comunicação de

massa”. O sociólogo ainda afirma que isso incide sobre a qualidade de vida nas cidades, incrementando o sucesso do capital do medo. (2005, p.27). Mas como o jornalismo literário adapta essa violência para a o consumo do público? Iniciaremos uma reflexão sobre isso no tópico a seguir.

OS TIPOS DE REPORTAGEM NO JORNALISMO LITERÁRIO

Jornalismo literário. Há quem repudie esse termo afirmando que parece ser um jornalismo que pretende ser literatura, que deseja ser tão duradouro e marcante quanto. Então preferem chamar de “literatura de realidade”, “literatura de não ficção”, ou até “jornalismo narrativo”. Mas no papel, o objetivo é um só:

(...) potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2006, p.13).

A reportagem em profundidade é o local no qual o jornalismo literário pode mostrar o seu máximo, por representar um espaço onde o jornalista tem a possibilidade de escrever de forma mais elaborada e criativa. Segundo Sodré e Ferrari:

Na literatura, o conto apresenta uma centelha, um momento, uma fatia temporal da existência de um personagem. No jornalismo – tanto no chamado livro-reportagem, quanto no jornal diário – a reportagem amplia a cobertura de um fato, assunto ou personalidade, revestindo-os de intensidade, sem a brevidade da forma-notícia. (1986, p.75).

Os autores ainda afirmam que muitas das características de um conto na literatura devem estar presentes na reportagem. Essas características são a força, clareza, condensação, tensão e a novidade (1986, p.75-76). A **força** está relacionada ao poder que o texto tem de prender o leitor do começo ao fim da narrativa, e, para isso, é necessário que este apresente elementos que combinados produzam um efeito e, “esse efeito pode ser de ordem emotiva ou racional: qualquer obra pode pegar o leitor pela emoção ou pela razão. Nessa captura reside a capacidade de força da obra”. A **clareza** é um atributo indispensável para o jornalismo, visto a questão da objetividade, “o excesso de detalhes, muitas vezes, obscurece a história ao invés de enriquecê-la.”. A **condensação** ou compactação “diz respeito não apenas ao acúmulo, mas a concentração e síntese com que manipulam os recursos narrativos e descritivos”. Essa característica afirma que detalhar demais um fato pode ser mortal, então é necessário saber como distribuir a narrativa. A **tensão** está ligada ao nível com que os elementos estão

distribuídos em sequência, levando em consideração que esse caminho conduza ao clímax, ou seja, a um ponto alto do texto. “É um retardamento proposital da narrativa que cria o suspense necessário à manutenção da curiosidade do leitor”. A última característica marcada pelos autores é a **novidade**, que não pode ser confundida com “novismo – a inovação forçada e gratuita”, e sim ligada a uma observação diferenciada de algo, um olhar diferenciado sobre um fato, tema ou pessoa. A novidade “diz respeito ao caráter de imprevisibilidade que um texto possa conter, tanto ao nível do conteúdo quanto da forma” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p.75-76).

A partir dessas características, os autores apresentam dois tipos de reportagens: reportagem-conto e reportagem-crônica. A **reportagem-conto** começa por “particularizar a ação: escolhe um personagem para ilustrar o tema que pretende desenvolver” (1986, p.77). Esse personagem não precisa necessariamente estar presente em toda a reportagem, pois pode ser usado como artifício para dar um panorama geral do contexto e em seguida ser substituído por uma reportagem documental. “Os dados documentais entram dissimuladamente na história” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p.77). A reportagem-conto pode ter em sua estrutura diálogos, várias pequenas histórias que são usadas para mostrar diferentes pontos de vista e ambientes. Já na **reportagem-crônica**, “os personagens são acidentes da narrativa, compõem um painel, atuam como figurantes” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p.87). O narrador observa o personagem, suas atitudes, seu comportamento e, além disso, uma crônica não precisa necessariamente de um personagem, pois pode retratar impressões de ambiência ou discutir questões polêmicas, sem ter necessariamente a estrutura de começo, meio e fim.

Como pode-se observar, com base no texto, a reportagem empresta do conto e da crônica recursos importantes para a construção de um texto que tenha força suficiente para prender o leitor, com uma narrativa clara e condensada, mas sem deixar de lado o fator emocional, racional, e humano.

Ainda segundo Sodré e Ferrari (1986, p 45-64), as reportagens podem se inserir em mais três categorias, sendo elas reportagem de fato, de a o e documental. Estas apresentam as seguintes características: **reportagem de fatos** “trata-se do relato objetivo de acontecimentos, que obedece na reda o   forma de pirâmide invertida. Como na notícia, os fatos são narrados em sucessão, por ordem de importância”. A **reportagem de a o** traz um relato mais movimentado, começando do fato mais atraente indo em dire o da exposi o dos detalhes. A **reportagem documental**

“apresenta os elementos de maneira objetiva, acompanhados de citações que contemplem e esclareçam o assunto tratado”.

Essas características elencadas por Sodré e Ferrari serão o ponto de partida para análise dos textos: *Treze Tiroteios por Dia*, escrito por Mariana Filgueiras em Junho 2017 e *O Terror como Vingança*, escrito por Henrique Araújo em fevereiro de 2018, publicados na revista *piauí* na editoria “questões da violência urbana”. A análise se encontra no tópico a seguir.

NARRATIVAS DA VIOLÊNCIA NO JORNALISMO LITERÁRIO: ANÁLISE DA EDITORIA QUESTÕES DA VIOLÊNCIA URBANA NA REVISTA *PIAÚÍ*

O primeiro texto analisado narra o caso de um aplicativo, desenvolvido por uma jornalista com o apoio da Anistia Internacional, para indicar em quais locais do Rio de Janeiro estavam acontecendo troca de tiros. O aplicativo que recebeu o apelido de “waze do pipoco” acabou mostrando que o número de eventos dessa natureza era três vezes maior que as estatísticas divulgadas pelo governo. A matéria foi escrita por Mariana Filgueiras em Junho 2017 e recebeu o título de *Treze Tiroteios por Dia*. Já no primeiro parágrafo percebe-se a jornalista deseja ambientar o leitor espacialmente:

Passava das dez da noite de uma quinta-feira recente e a jornalista Cecília Oliveira se preparava para dormir quando seu telefone apitou. Era uma mensagem de um grupo de WhatsApp alertando sobre uma troca de tiros que acontecia naquele momento no Túnel Marcello Alencar, que liga o Centro à Região Portuária do Rio de Janeiro. Em pânico, vários motoristas saíram correndo de seus carros, como mostrava o vídeo que acompanhava o aviso. Alguém postou que uma mulher dava à luz dentro de um carro em meio à saraivada de balas. (FILGUEIRAS, 2017, s/p).

Como características desse primeiro trecho pode-se afirmar que Filgueiras faz uso da **condensação**, descrevendo rapidamente o ambiente em que a personagem se encontra, além da **tensão**, pois o leitor ficara preso à dúvida do que acontecerá com a grávida que esta dando luz dentro de um carro em meio ao tiroteio. Pode-se dizer que a jornalista também trabalha a questão da **força** nesse parágrafo, pois o ele tem o poder de prender o leitor pela emoção.

No próximo parágrafo, Filgueiras entrega o desfecho do conflito ao leitor, “Quando consegui apurar melhor a história, ficou aliviada. ‘Era a gravação de uma novela, vocês acreditam?’, contou a jornalista mineira, de 37 anos, de cabelos muito crespos e descoloridos presos num coque no alto da cabeça”. (2017, s/p). Filgueiras surpreende o leitor quebrando a expectativa de aquela ser uma história real, e nesse

mesmo parágrafo explica ao leitor sobre o aplicativo *Fogo Cruzado*, criado para mapear os tiroteios diários ocorridos no Rio.

Nos próximos seis parágrafos, Filgueiras fornece informações sobre a segurança na cidade do Rio de Janeiro de maneira geral, apresentando algumas estatísticas da Fundação Getúlio Vargas sobre a criminalidade e sobre o projeto das Unidades de Polícia Pacificadora. Mas adiante ela vai explicar como se dá o funcionamento do aplicativo em relação a base de dados:

O banco de dados do aplicativo é abastecido a partir de relatos enviados pelos cerca de 60 mil usuários do serviço. Em seguida, os números são checados com lideranças comunitárias e fontes locais para saber se os incidentes de fato aconteceram – quando também é possível precisar o número de mortos ou feridos. (2017, s/p).

Além disso, explica a informação que dá título a matéria e é o ponto central do texto, a questão da omissão de dados por parte do governo do Rio de Janeiro, que divulga um número três vezes menor de tiroteios. “Foram treze tiroteios por dia, em média. Os conflitos geraram 1.133 vítimas fatais, nas contas do Fogo Cruzado – a Polícia ou a imprensa divulgaram 747 vítimas. Já o número de feridos notificados pelo serviço é de 1.171, ante 925 nas contas oficiais”. (FILGUEIRAS, 2017, s/p).

Pode-se afirmar que nesses parágrafos a jornalista trabalha com a **reportagem documental**, apresentando dados que ajudam o leitor a entender o tema de forma mais profunda, além de apresentar a **novidade**, que como já vimos anteriormente, não esta relacionada ao “novismo”, mas a um novo olhar sobre um tema.

Após explicar como funciona o aplicativo e dar um panorama da situação da cidade em relação à violência, uma nova parte do texto é iniciada, focando mais nas personagens do texto. São elas a criadora do aplicativo e duas colaboradoras que ajudam a mantê-lo funcionando. Filgueiras retoma esse aspecto mais humano da narrativa apresentando novamente o espaço em que as personagens se encontram, como forma de ajudar o leitor a visualizar:

Ainda na mesa da lanchonete na Cinelândia – escritório informal de reuniões do grupo, que costuma trabalhar de casa –, Cecília recebeu uma nova mensagem: Um homem de 70 anos havia morrido, vítima de uma bala perdida dentro de casa, na Favela do Mandela, no Complexo de Manguinhos, Zona Norte da cidade. (FILGUEIRAS, 2017, s/p).

No próximo parágrafo as personagens explicam como os dados obtidos pelo aplicativo têm chocado tanto elas, quanto as pessoas que tem contato com essas estatísticas. É interessante notar no próximo trecho uma informação que esta ligada com

algo discutido anteriormente nessa pesquisa, que é a relação entre a mídia e a percepção da violência que a sociedade tem por meio dela. Filgueiras escreve que:

Na manhã daquela sexta-feira, elas se reuniam para preparar o relatório do primeiro ano de funcionamento do serviço, a ser concluído em julho. O objetivo é divulgar os números com estardalhaço na imprensa e chamar atenção para a real situação do Rio, sem maquiagem. “Quando citam algum dado do Fogo Cruzado no programa *Balanço Geral*, da Rede Record, o número de downloads dispara”, observou Cecília. (2017, s/p).

Os próximos quatro parágrafos do texto são reservados para a criadora do aplicativo narrar como ela teve a ideia de dar início ao projeto do *app* e como foi o caminho até que ele estivesse disponível para *download*.

No bloco de texto seguinte, Filgueiras reproduz três parágrafos nos quais as personagens contam um pouco sobre fatos engraçados que ocorrem enquanto elas fazem o monitoramento no aplicativo. Na última parte do texto as personagens explicam como elas escolhem a linguagem a ser usada no aplicativo, por exemplo, não usar as palavras “evitem a região”, pois “Isso é uma linha de pensamento que faço questão de seguir, ao contrário da imprensa regular. Não podemos criminalizar áreas da cidade”. (Filgueiras, 2017, s/p).

O segundo texto analisado nessa pesquisa foi, *O Terror como Vingança*, escrito por Henrique Araújo em fevereiro de 2018. O texto narra uma chacina ocorrida no Ceará na qual uma adolescente grávida e outras sete jovens mulheres foram assassinadas. Em concordância com o texto anterior, esse também começa com uma descrição do cenário:

Por volta das 21 horas de sexta-feira, 26 de janeiro, a estudante Maria Tatiana da Costa Ferreira, moradora de Cajazeiras, um bairro pobre na Região Central de Fortaleza, avisou à mãe que iria ao forró. Aos 17 anos e grávida de dois meses, Tatiana parecia satisfeita: dali a algumas semanas pretendia se casar, em uma festa pequena, provavelmente em casa mesmo. Agora iria ao forró para saber do vestido, que seria feito pela amiga Raquel, costureira do bairro. As duas se encontrariam no Forró do Gago, a quatro quarteirões dali. Tatiana caminhou pelas ruas de terra batida e parou no portão da casa de shows, no número 210 da rua Madre Tereza de Calcutá. Esperou a amiga cerca de 10 minutos. Como Raquel não aparecia, a estudante resolveu entrar. (ARAÚJO, 2018, s/p).

Já nesse primeiro momento o autor do texto nos apresenta a estudante Maria Tatiana, que será uma personagem importante para o desenvolvimento do fato narrado. Essa característica se encaixa na **reportagem-conto**. No próximo parágrafo, pode-se ver a cena continuar na visão de outra personagem, a mãe de Tatiane:

Quatro horas depois, entre meia-noite e uma da manhã, a mãe de Tatiana despertou com um telefonema. Teresinha de Jesus, de 52 anos, estava sozinha na casa de 60 metros quadrados em que vivia com Tatiana, sua outra filha Tatilene e dois netos. Ainda se recuperando de uma cirurgia para retirar a vesícula, a dona de casa ouviu do outro lado da linha um relato desconhecido, com gritos e choro. Era a mãe de outra jovem que fora à festa onde Tatiana e Raquel se encontrariam. Teresinha distinguiu poucas palavras: tiroteio, baleada, forró. Ainda não se falava em morte. (ARAÚJO, 2018, s/p).

Nesse parágrafo pode-se afirmar que Araújo usa da **força** como forma de prender o leitor pela emoção, já que há grande chances de ele querer saber o que aconteceu com a filha de Teresinha. Nos próximos dois parágrafos pode-se ler a jornada de Teresinha a partir da residência dela, até a casa de shows, na qual ela começa a procura pela filha:

Teresinha procurou rastros da filha no galpão abafado, onde horas antes cerca de 500 pessoas dançavam ao som de dois DJs. A dona de casa encontrou Tatiana caída no chão, as roupas empapadas. Estava abraçada à amiga Raquel. Ela tentou ainda sacudir a filha, mas ela não se mexia. Junto com outras doze pessoas, Tatiana e Raquel foram mortas a tiros na maior chacina da história do Ceará, crime atribuído a uma das facções que disputam o comando do tráfico naquela região da cidade. Oito vítimas eram mulheres. (ARAÚJO, 2018, s/p).

Nesse trecho do texto, que denota características de **tensão**, o leitor se despede da personagem que acompanhou nos primeiros parágrafos e que serviu como artifício para introduzir o assunto central da matéria, que é o massacre de Cajazeiras. Esse é um artifício comum na reportagem-conto. Após o desfecho dessa primeira história do texto, Araújo vai dar detalhes da investigação da chacina, entrando em um tom mais voltado para a **reportagem documental**. Ele fornece informações dadas pela Secretaria de Segurança Pública e pelo Instituto Médico Legal. O último parágrafo desse primeiro bloco de texto com declarações da irmã de Tatiana, sobre como ela era e o que ela queria para o futuro. Essa é mais uma forma clara de pegar o leitor pela emoção.

Nos próximos 12 parágrafos, Araújo vai explicar de forma aprofundada a questão da violência na região, apresentando informações sobre os confrontos entre traficantes facções rivais que acontecem naquela área, inserindo falas do chefe de Segurança Pública e Defesa Social do Ceará e do Pesquisador do Laboratório de Estudos da Violência da Universidade Federal do Ceará, o sociólogo Luiz Fábio Paiva. Ele ainda insere estatísticas do Anuário do Fórum de Segurança Pública.

Se aproximando do final da reportagem, Araújo retoma o tom usado no início do texto, inserindo algumas informações sobre a amiga de Tatiana, que faria o seu vestido, a costureira Raquel:

Ao longo da última semana, a mãe da costureira Raquel, a empregada doméstica Rosa Maria Galdino, passou a cuidar da neta de 4 anos, desde que a filha foi assassinada. Muito emocionada, ela relembra a noite da chacina e as mensagens enviadas para o celular da filha. “Ela chegou em casa depois do trabalho e avisou que iria sair um pouco. Eu respondi: ‘Pois tá bom, Deus te abençoe. Te cuida, filha’”, contou. “Mas a Raquel não respondeu mais”. (ARAÚJO, 2018, s/p).

Pode-se perceber que em ambos os textos houve uma preocupação de, em um primeiro momento, prender o leitor pelo lado emocional, para em seguida, apresentar parágrafos que tratassem a questão de forma mais aprofundada. Em relação aos procedimentos literários, pôde-se constatar que a **tensão** e a **força** foram pontos em comum nos dois textos, geralmente usados nos primeiros parágrafos.

O primeiro texto apresenta algumas características de **reportagem-crônica**, pois por mais que as personagens façam parte atuante da história, contando fatos variados, elas não são muito aprofundadas. Em seu texto, Filgueiras prefere dar mais espaço para a questão dos resultados obtidos pelo aplicativo do que para a criação de um plano de fundo para as personagens, o que é marcante nesse tipo de reportagem. A narrativa usa as personagens como uma forma de ambientar o leitor no texto, pois a partir da visão delas que ficamos sabendo como o projeto se desenvolveu, Filgueiras não demonstra uma preocupação em dar uma história com começo, meio e fim para elas, coisa que Araújo faz no texto dele.

Na segunda reportagem analisada o autor apresenta um texto com características de **reportagem-conto**. Percebe-se que ele dedica um espaço maior para dar informações sobre a vida das personagens. No caso de Tatiana o autor revela o fato de ela estar grávida, feliz e planejando se casar em breve, e quando o foco vai para a mãe de Tatiana, ele frisa a cirurgia pela qual a mulher havia passado há pouco tempo, além disso, ele dá uma descrição mais detalhada dos ambientes. Na maior parte do texto, Araújo utiliza a reportagem documental, aprofundando a questão da chacina e da violência em Cajazeiras, mas um ponto chama a atenção nessa narrativa em específico, o fato do autor descrever de forma mais “crua” os acontecimentos. Ele cria uma cena frisando o local abafado no qual a mãe de Tatiana a encontra morta, abraçada a amiga que faria seu vestido de casamento. Isso mostra um certo trabalho com o sensacional, como uma forma de prender a atenção do leitor para o massacre que ocorreu na cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa pode-se perceber que a relação entre mídia, violência e sociedade muda com o passar dos anos, e que o jornalismo tem formas diferentes de tratar o tema, seja apelando para o sensacional, ou encaixando-a no *lead*. Em um texto de opinião publicado em 2012 no Estadão, o Doutor em Comunicação e professor de ética Di Franco afirma que, “a violência não é uma invenção da mídia. Mas a sua espetacularização é um efeito colateral que deve ser evitado. Não se trata de sonegar informação. É preciso, contudo, contextualizá-la”. A contextualização foi um fator que esteve presente nos textos apresentados anteriormente.

A partir da análise das reportagens, pode-se perceber que no caso dos textos *Treze Tiroteios por Dia* e *O Terror como Vingança* o jornalismo literário narra as questões relacionadas à violência de forma mais explicativa do que gráfica. Apesar de ter procedimentos literários como força e tensão em alguns parágrafos, e utilizar características das reportagens crônica e conto, a reportagem documental ocupa a maior porcentagem do texto. Uma possibilidade que poderia explicar esse resultado pode ser a questão do tema tratado, a violência. Por se tratar de um assunto mais sério e delicado, que atinge diretamente a vida das pessoas, um tratamento gráfico poderia cair facilmente nas características do sensacionalismo elencadas por Pedrosa. Uma resposta para essa questionamento poderia ser alcançada caso fosse realizada uma pesquisa que abordasse os procedimentos literários utilizados em textos publicados em outras editoriais do site, assim poderíamos saber se em outros temas os procedimentos literários ganhariam mais destaque a questão documental. No caso da amostra selecionada, o jornalismo literário se mostrou como uma alternativa interessante para tratar a temática da violência, não espetacularizando os casos, dando contexto para as situações tratadas, apresentando a visão de especialistas nos assuntos e trazendo estatísticas que comprovam os fatos. Mesmo que os procedimentos literários não estejam presentes em todos os textos, eles servem como um bom gancho para prender o leitor, que acaba se envolvendo mais com a narrativa.

Se a violência cabe no *lead*? Não deveria caber, pois a contextualização e o aprofundamento são necessários para mostrar à sociedade mais do que o ato de violência em si. Seria interessante que matérias dentro dessa temática viessem sempre próximas de uma discussão mais social do problema, mas sabemos que com o ritmo no qual as redações operam, nem sempre isso é possível. Pode-se perceber que a mídia tem

um papel importante em como a sociedade percebe a violência, então é sempre importante para os profissionais da comunicação se questionem em como estão ambientando esse tema.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. **Sensacionalismo: inoperância explicativa**. In: Revista Em Questão da Fabico (UFRGS). Porto Alegre, vol. 9, n.º 1, p. 133-146, 2003.

ANGRIMANI, Danilo Sobrinho. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa / Danilo Angrimani Sobrinho. – São Paulo : Summus, 1995. – (Coleção Novas Buscas em Comunicação ; v. 47). Disponível em: <<http://www.wejconsultoria.com.br/site/wp-content/uploads/2013/04/Danilo-Angrimani-Sobrinho-Espreme-que-sai-sangue.pdf>>. Acesso em: 05/04/2018

ARAUJO, Henrique. **O Terror como Vingança**. In: Revista *piauí*. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/treze-tiroteios-por-dia/>>. Acesso em: 12/04/2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

DI FRANCO, Carlos Alberto. **Jornalismo e Violência**. In: Estadão. Disponível em: <<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,jornalismo-e-violencia-imp-,904070>>. Acesso em: 12/04/2018

FILGUEIRAS, Mariana. **Treze Tiroteios por Dia**. In: Revista *piauí*. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/o-terror-como-vinganca/>>. Acesso em: 12/04/2018.

PAIS, Elza (1996). **Violência (s): reflexões em torno de um conceito**. Interações, n.º 4, 25-39.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo: Annablume, 2001.

PENA, F. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

RODRIGUES, Marly. **O Brasil na década de 1950**. São Paulo: Memórias, 2010.

RÜDIGER, Francisco. Luto, mal-estar e resignação na mídia jornalística. Violência criminosa, esfera pública e encapsulamento da experiência. In: **Cultura midiática e tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre uma narrativa jornalística. São Paulo: summus, 1986.